
ANTÓNIO RAMOS ROSA

O INDETERMINÁVEL E O DESCONHECIDO NA POESIA MODERNA

187

O indizível nem sempre é obscuro, por vezes é um vislumbre claro ou um fulgor violento. E é sempre uma intensidade do desconhecido, uma fulguração do vazio ou do indeterminável.

O paradoxo da génese do poema está na contradição entre a sua tendência regressiva para a inconsciência da matéria e o impulso que projecta o desejo de uma culminação do gérmen como princípio do poema.

Todo o poema é ficção, ou seja, a formulação do desconhecido indeterminável. Por isso nele nada se traduz ou exprime. O poeta é completamente mobilizado pelas energias desconhecidas que se projectam através da dinâmica da criação. Assim, ele funda, inaugura, principia o que, paradoxalmente, lhe é anterior, originário. É a impulsão destas energias que actualizam o poema e o autonomizam como criação. O poema é a sua própria ficção e desse modo supera as antinomias real-irreal, memória-presente, criação-expressão.

O poema moderno não é susceptível de ser «interpretado». A interpretação implica o preconceito da «compreen-

são» do texto. Ora, na poesia moderna frequentemente se nos depara uma obscuridade irredutível que não é talvez ilegível (poeticamente) mas torna o poema incompreensível. O poema não deixa, porém, de ser legível porque a obscuridade já não é um obstáculo, uma vez que a necessidade de compreensão foi substituída por uma nova abordagem em que essa necessidade não é fundamental.

Um poema, mesmo quando nele explode o negativo («O dia em que eu nasci moura e pereça») é uma réplica ao negativo e, como tal, uma afirmação vital contra o destino. É isto que esquecem os exegetas que consideram o poema apenas como expressão de vivências, ou seja, como representação da subjectividade.

Na poesia moderna o ser deixa de ser o referente que a linguagem traduziria. O poema já não reenvia a uma realidade anterior a ele e, pelo contrário, é a linguagem que cria uma nova realidade.

Sabemos que um poema é uma realidade verbal mas às vezes esquecemo-nos que ele é também uma realidade física. Com isto queremos dizer que as palavras são gestos que mobilizam os lábios, os dentes, a garganta, etc. E o ritmo, as aliterações, as assonâncias, etc., conferem à palavra uma densidade física pela qual se manifesta imediatamente a realidade viva do poema («Aquele triste e lida madrugada...»).

Se a linguagem é a presença na ausência, segundo a formulação de Georges Poulet, o poema é, por sua vez, uma aparição no desaparecimento, uma intensidade fulgurante no seio da obscuridade.

O poeta moderno está muito menos interessado em exprimir o que sente do que em constituir um objecto verbal em que se manifesta o desconhecido como utopia, ou seja, como realidade viva do desejo.

Em todo o ser há uma tendência para um retorno a um estado de completa tranquilidade (a matéria inorgânica). Esse desejo move o poema na sua dinâmica construtiva em que o retorno é projectado como utopia, ou seja, como criação do real.

O que é a presença original? Poderá ela ser apreendida pelo poema? Na raiz de toda a poesia está uma carência fundamental, a falha originária. A presença talvez não seja mais do que um fantasma ou um logro. Por isso o poema a inventa em sucessivas imagens, algumas vezes dilacerantes, outras vezes felizes no seu excesso. A nostalgia alimenta a febre da presença, dá-lhe a dimensão do desejo, projecta-a na perspectiva fictícia e não fictícia do poema. E é sempre a utopia, a um tempo real e irreal, logro e realização, ausência e presença, plenitude e vazio. ■